

candeia

> A peça

Candeia de depósito aberto da qual se conserva a maior parte da peça original, observando-se o bico, o fundo e a parede.

Trata-se de um recipiente simples, com fundo plano e paredes com alguma concavidade, na qual o bico foi moldado diretamente. A pasta é relativamente depurada, mas o tratamento superficial é tosco, denunciando um fabrico expedito.

A destruição da área posterior não permite avaliar se a peça possuiria uma asa, à semelhança dos exemplares islâmicos, ou seria lisa, de acordo com os exemplares de época cristã. A segunda hipótese é mais plausível.

Na zona do bico, onde se colocaria o pavio, possui vestígios de combustão.



Fragmento BPLX - COL.3 | © M. Fairinha

✓ O grupo

Embora a sua assiduidade no registo arqueológico seja menor que outras peças de olaria, como a loiça de mesa ou de cozinha, os artefactos cerâmicos de iluminação foram uma constante no quotidiano das sociedades pré-industriais, nas quais desempenharam um importante papel no mundo doméstico. Durante estes períodos, os exemplares em cerâmica conviveram com outros exemplares, produzidos com matérias-primas diferentes, com realce para os tipos metálicos.

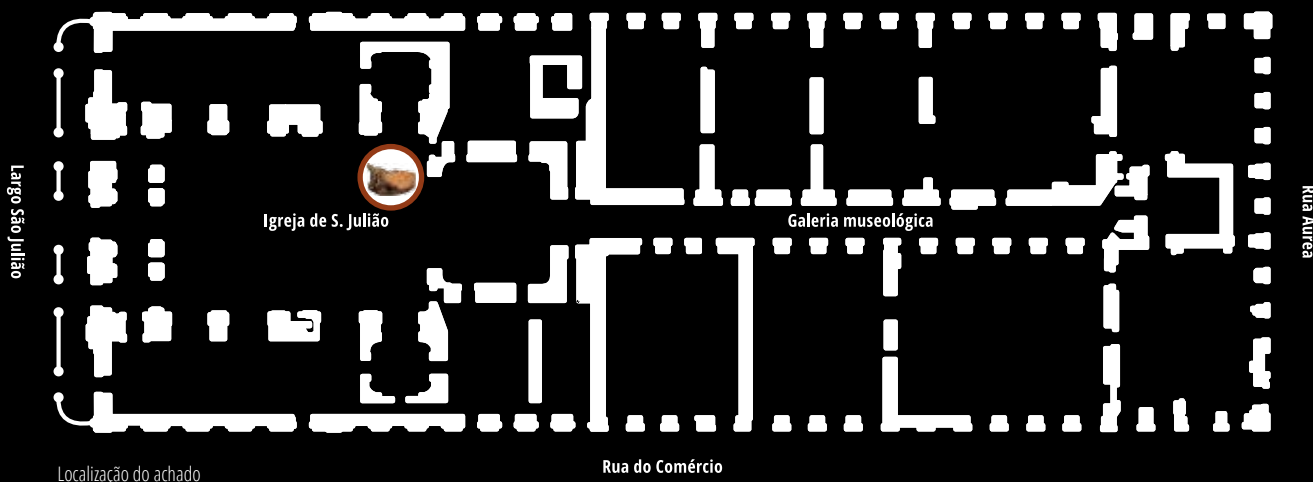
Das múltiplas formas então produzidas e utilizadas, foram descobertos nas escavações arqueológicas da Sede do Banco de Portugal, fragmentos de época romana, islâmica e moderna, todos eles tipologicamente diferentes.

A nomenclatura das peças de iluminação variou consoante a época e região, multiplicando-se no próprio registo arqueológico designações como lucernas, candis ou candeias, cada uma aplicada a um segmento próprio deste conjunto.

Do alargado leque de formas que evoluíram desde a Antiguidade Clássica, este modelo de candeia é uma dos mais simples, limitando-se a um recipiente aberto nas paredes do qual é moldado um bico. Os seus antecedentes diretos remontam à época islâmica, ao período almóada, altura em que os exemplares possuíam, também, asa e decoração vidrada. O mesmo tipo de recipiente seria também encontrado nos exemplares de pé alto, forma mais complexa, com suporte alongado adossado ao fundo do depósito de combustível.

Reconstituições 3D | © Illusive





Localização do achado

Rua do Comércio

^ O achado

Este fragmento de candil foi exumado das camadas de aterro na base da sequência estratigráfica da Igreja de São Julião, na zona da nave central.

Embora a deposição da camada tenha acontecido no final do século XVIII – início do XIX, época da reconstrução pombalina da Baixa, os materiais que incorporou são datáveis de uma fase mais antiga, pré-terramoto de 1755, pelo que a utilização desta candeia deverá ter ocorrido algures durante a época Moderna.

∨ Outras informações

Um dos principais riscos da iluminação pré-industrial, como candeias ou velas, prendia-se com a ocorrência de incêndios. Dos muitos casos conhecidos na zona da Baixa, antes e depois do terramoto de 1755, um respeita diretamente à própria Igreja de São Julião que, em 4 de Outubro de 1816, foi consumida pelas chamas. O acidente, que havia sido provocado por uma vela, ocorreu no dia seguinte às exéquias de D. Maria I e obrigou à reconstrução do edifício apenas seis anos passados da sua inauguração. As marcas deste incêndio e as evidências da reconstrução posterior foram, também elas, registadas nos trabalhos arqueológicos.



LISBOA 7 de Outubro.
 Sexta feira 4 do corrente, pela volta das 5 horas da tarde, pegou fogo, de huma vela, na armadura da Ega, erigida na Igreja de S. Julião, hũa das Parroquias desta Capital, para as solenidades Exéquias que na vespera havia feito celebrar o M. H. José do Povo por alma da nossa Rainha a Senhora D. Maria I., e rapidamente inflamado todo o castelo se consumiu o incendio ao resto da Igreja sem tal violência, que em poucos momentos se viu tudo em chommas, e se reduziu a cinzas hum dos mais amplos e bellos Templos de Lisboa, apenas ha seis annos acabado de levantar das ruinas em que ficava pelo fatal Terremoto de 1755. — Não obstante acollido com summa brevidade, e com todos os meios possíveis, não se pôde conseguir mais que defender os edificios immediatos de serem tambem victimas deste desastre; ainda as casas interiores do lado da Igreja da Conceição Nova chegou a communicar-se fogo por huma trapizira, mas foi logo extinguido e extinto. — Cuitos mesmo a salvar a Sagrada Pyxide, a qual se conduziu á proxima Ermida de Nossa Senhora da Oliveira, onde incriminadamente se fazem as funções Parroquias. Foi universal a magoa do Povo desta Capital por esta catastrophe, e ha tristes especimenos visíveis nas e desgraciadas paredes e entaladas pedras, onde brilha a pompa do Calvo, e a magestade desse Templo.

Notícia da Gazeta de Lisboa sobre incêndio na Igreja de São Julião em 1816.



Pintura da escola espanhola, século XVII com representação de candeia.